

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
Psicanálise e Contemporaneidade: Trauma e Urgências
Subjetivas

Depressão, um sintoma social?

Um Olhar sobre o que nos deprime hoje

Guilherme Berredo da Veiga

Prof. Dr. Rodrigo Ventura



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



**Guilherme Berredo da
Veiga**

Depressão, um Sintoma Social?

Um Olhar sobre o que nos deprime hoje

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC RJ, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicanálise e Contemporaneidade: Trauma e Urgências Subjetivas.

Orientadora: Prof. Dr. Rodrigo Ventura

Rio de Janeiro

Novembro de 2018

AGRADECIMENTOS

Ao professor e orientador Rodrigo Ventura, com quem tenho o prazer de aprender e trocar.

À minha mãe, Maria Elisa Berredo, pelo apoio inenarrável.

Ao meu pai, Francisco Daudt, que me apresentou à psicanálise e continua a ser uma preciosa fonte de aprendizado.

À Luciana Pinheiro e Sergio Neves, interlocutores formidáveis, entusiastas da minha formação, por quem tenho profundo carinho e admiração.

Ao Leonardo Câmara e sua generosidade ímpar. Psicanalista brilhante e ser humano encantador que tanto me ajudou ao longo dessa jornada.

Ao Leandro de Araújo Machado, vulgo Kabelo, com quem tenho o prazer de partilhar um dos maiores tesouros da vida. Sua amizade é uma lufada de ar puro mesmo nas horas mais escuras.

E ao Carlos Augusto Peixoto Jr., há sete anos me acompanhando nas minhas escolhas, impasses, dúvidas, conquistas, perdas e aprendizados sempre ampliando o meu leque e olhar. Você é um exemplo como analista.

Sumário

Introdução	4
Uma viagem no tempo	5
A fadiga de si mesmo e a Sociedade do cansaço.....	Error! Bookmark not defined.
Depressão, sintoma social	25
"Como fazer amigos e influenciar pessoas no mundo contemporâneo" ou "a Psicanálise como contraponto"	Error! Bookmark not defined.
Considerações finais.....	24
Bibliografia.....	27

RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso de especialização em Psicanálise e Contemporaneidade, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (CCE/PUC-Rio/2018), buscará fazer uma discussão a respeito do fenômeno da depressão no mundo contemporâneo. Por meio da contribuição de autores da psicanálise e da sociologia se abordará as questões acerca da possibilidade de se pensar a depressão enquanto sintoma social paradigmático da contemporaneidade. No bojo dessa discussão, uma vez ancorados no referencial fornecido pelo francês Ehrenberg e pelo sul-coreano Byung Chul-Han sobre o assunto, será revista a noção de *sintoma social*. Como síntese dessas problematizações, se buscará pensar de que forma a psicanálise pode se ofertar enquanto ferramenta clínica dentro deste quadro.

Palavras-Chave: Psicanálise; contemporaneidade; *depressão*;

Introdução

Um espectro ronda o Ocidente: o espectro da depressão. É assim, parafraseando Marx, que este trabalho se inicia. Afinal, não incorre em exagero algum afirmar que essa já passou de sintoma eventual para ocupar status de “mal do século”. Dados divulgados pela Organização mundial de saúde afirmam que a depressão afeta 322 milhões de pessoas ao redor do globo. Entre os anos de 2005 a 2015 houve um aumento de 18,5% em sua taxa de incidência e a previsão é que esse número continue a crescer. Estima-se que até 2020 ela será a principal causa de absenteísmo no mundo¹. A que atribuir esse fato? Como explicar essa alarmante escalada? O presente artigo pretende inclinar-se sobre o fenômeno da epidemia diagnóstica de depressão no mundo contemporâneo, questionando, amparado em autores da psicanálise e da sociologia, *se e de que forma* é possível pensar a depressão enquanto “sintoma social” paradigmático da contemporaneidade.

Esse fantasma, que vagueia sibilante pelos quatro cantos do planeta arrastando seus grilhões já não é apenas objeto restrito da psicopatologia e da psiquiatria. Assombroso que é, tornou-se também objeto de investigação da filosofia e da sociologia. Para a psicanalista e historiadora francesa Roudinesco (1999) a depressão é a epidemia psíquica das sociedades democráticas do terceiro milênio. Segundo a autora, o homem deprimido atingido em seu corpo e alma pela estranha síndrome que faz combinar tristeza com apatia, busca de identidade e o culto de si mesmo, já não tem mais tempo para refletir sobre a origem de sua infelicidade. “Aliás, ele já não tem tempo para nada, à medida que se alongam o tempo de vida e o do lazer, o tempo do desemprego e o tempo do tédio. O indivíduo depressivo sofre ainda mais com as liberdades conquistadas por não saber como utilizá-las.” (ROUDINESCO, 1999, p.13). Resta-nos então investigar sobre esse homem e seu tempo e indagar que contribuições é possível tirar disso para nossa clínica da atualidade.

¹DEPRESSION. 2018. Disponível em <www.who.int/en/news-room/factsheets/detail/depression>. Acesso em: 10 set.2018.

Uma Viagem no Tempo: aspectos da produção de subjetividade e adoecimento psíquico ontem e hoje

Não é com o intuito de chocar nem pegar ninguém de surpresa, que proponho de imediato um inusitado convite a quem lê. Ciente de que não é essa uma proposta convencional nesse tipo de trabalho, doso aqui o meu arrojo com a liberdade que me é permitida e persevero mesmo assim. O convite consiste em um pequeno exercício. Uma breve viagem no tempo e no espaço. É preciso aqui imaginar-se voltando mais de cem anos no passado. Através da Time Machine de Dr. Who ou de carona num ²DeLorean prata modificado*, rumo ao Império Austro-Hungaro, no começo do século XX. O ano é o da graça de 1908. Freud publicava então em Viena seu artigo *A Moral sexual civilizada e a doença nervosa moderna*. Um texto sucinto, muitas vezes subestimado, porém de indubitável relevância, por conter em germe a noção de embate entre Eros e civilização. Essa mesma, tão preciosa a nós psicanalistas e aspirantes, que como sabemos, viria futuramente tornar-se um tema central em trabalhos mais extensos e celebres de Freud, tais quais *Totem e Tabu* (1913) e *O Mal-Estar na Civilização* (1930). No artigo de 1908, como o próprio nome sugere, o autor associa o adoecimento neurótico do qual é testemunha, à moral excessivamente rígida de sua época, apontando como principal fator etiológico o seu caráter altamente repressor às satisfações sexuais e a cobrança de renúncias em prol da civilização. Foi nesse contexto sócio-histórico, no encontro de Freud com suas histéricas, que nasceu a psicanálise, campo de saber teórico e prática clínica que perdura até os dias atuais apesar – ou através – dos seus percalços.

Contudo, não requer muito esforço para nós, viajantes do tempo versados em século XXI, percebermos que, de lá para cá, no que tange aos ditames sociais, as coisas mudaram radicalmente. Basta para isso talvez, dar uma breve olhada nos ditos de slogans célebres de campanhas eleitorais e marketing esportivo da última década. *Yes We Can*, *Just do it* e *Impossible is Nothing* nos dão a plena sensação de que a ideia de renúncia, limites e interdição foram suplantadas pela noção de que tudo é possível, de que não ha barreiras, de que é preciso desfrutar de tudo o

² **Back to the future* (1985), filme dirido por Robert Zemeckis

tempo todo, pois é tudo permitido e ao alcance da mão. Mesmo a ideia de postergação do prazer, do sacrifício na busca de um ganho futuro, tão cara ao princípio de realidade, parece ter se esvaziado diante de uma sensação de esgarçamento do tempo. Nas palavras cantadas de Lulu Santos para descrever nossos “Tempos Modernos”: *Hoje o tempo voa, amor. Escorre pelas mãos mesmo sem se sentir. E não há tempo que volte, por isso vamos viver tudo que há para viver. Vamos nos permitir.* Recorro sem pudor, ao luxuoso auxílio das palavras dos poetas para dizer com agudez e concisão aquilo que muito provavelmente despenderia de grande quantidade de texto corrido, sob o risco de cansar o leitor sem, contudo, atingir tamanha precisão ou mesmo senso estético.

Da mesma forma, vemos que mudaram também as maneiras de se adoecer. Pouco se vê da histérica clássica observada por Freud. Uma nova era trouxe consigo toda uma nova gama de adoecimentos e sintomas. Esses que “aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá”. Síndrome de *Burnout*, TDAH, anorexia, vigorexia e, principalmente, claro, a depressão pululam ao redor do globo, ganhando índices assustadores. Manifestações senão inéditas, no mínimo, muito menos correntes nos idos da primeira metade do século XX. Seguramente, os tempos são outros e com isso, parece razoável e legítimo indagar o que, “diabos”, teria a psicanálise a dizer sobre as mazelas atuais, ou, qual seria a pertinência de suas respostas hoje? Independente de qual seja a pergunta, a pertinência de sua resposta, me parece, está condicionada a uma premissa básica: a de que se olhe para o sujeito de hoje e se reconheça que ele não é o mesmo para qual Freud olhava durante a época vitoriana. Evita-se assim qualquer tipo de anacronismo e nos livra de muitos embaraços. Além disso, considero que tal postura não incorra em qualquer desvio ou novidade prática, pelo contrário, habita o gene da psicanálise. Como prova disso, basta lembrar como Freud ao longo de seu trabalho dialoga com os demais saberes de sua época, tanto das ciências naturais quanto humanas. Tradição que por sua vez foi notadamente continuada por Lacan. A plena potência da psicanálise se dá assim, na medida em que alia aquilo que sua teoria propõe de universal da condição humana, seus mecanismos essenciais, indiluíveis da subjetividade, com um olhar igualmente clínico acerca do tempo e contexto sócio-histórico no qual se insere, recusando uma postura solipsista. É

nisso em que me fio neste trabalho até o fim. É por isso que faço questão de fazer menção ao texto freudiano de 1908.

Alguns psicanalistas atualmente defendem que o texto de 1908 teria se tornado datado e perdido qualquer relevância. Assim o fazem, argumentando que Freud em 1930, então amparado numa teoria pulsional mais robusta, constata que o mal-estar é algo indissolúvel e inerente à vida em civilização. Não uma mazela, ou um epifenômeno do pacto civilizatório, mas a condição *sinequanon* para que ele seja possível. Desse modo, não haveria arranjo ou rearranjo na cultura que desse conta de sanar o mal-estar produzido pelo tolhimento do livre fluir da satisfação pulsional do homem; uma vez que esse se faz contraparte e cláusula fundamental do advento da civilização. Onde houver sociedade humana, seja em que tempo ou espaço for, o homem terá de se haver com seu mal-estar. Sobre tais afirmações feitas por Freud, não há o que contestar. Dentro do escopo da teoria psicanalítica elas seguem irretocáveis. Contudo me oponho a conclusão de que essas, relegariam o texto de 1908 a obsolescência. Veja bem: No texto da *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* fica claro que Freud se refere a adoecimento psíquico e não ao mal-estar. Essas duas noções embora interligadas, não se confundem, é preciso deixar claro. O que se inscreve nas entrelinhas do próprio título do artigo é que ao falar de ‘doença nervosa *moderna*’, Freud está falando de uma determinada modalidade de adoecimento característica e tributária de um determinado tempo histórico, a saber, a modernidade em que viveu. Em seu incomparável poder de síntese e capacidade de transmissão, o mestre vienense nos aponta a necessidade de olhar para esse *tempo*, na escuta dos pacientes e observação de seus sintomas. Culturas distintas e seus variados arranjos promoverão diferentes formas de subjetivação e, por conseguinte, influenciarão na emergência e prevalência de distintas formas de adoecimento e sofrimento psíquico. Parece-me certo, portanto que munir-se de tal olhar é imperativo a todos que se arrogam o desafio de clinicar. Ou, nas palavras categóricas de Lacan (1953/1998: 322). “Aquele que não estiver familiarizado com a subjetividade de seu tempo, que renuncie a clínica” Afinal, se a pulsão, fundamento do sujeito, é o universal da psicanálise, seus representantes ideativos, aqueles pelos quais ela se orienta e busca satisfazer-se são dados pela cultura, que não só o sujeito está

inserido, mas que também nele se insere. É, portanto, no cerne da produção de subjetividade e nas novas configurações em que se manifestam o mal-estar e o adoecimento psíquico que reside a relevância de se falar em psicanálise e contemporaneidade.

O que mais se pode dizer então acerca deste nosso tempo, a contemporaneidade em que estamos imersos, que produz subjetividades e pauta novas manifestações sintomáticas? Quais seriam aspectos da cultura ocidental atual que poderiam estar de alguma forma, ligados à epidemia diagnóstica de depressão? Atingido este ponto do texto, não parece haver alternativa senão tecer algumas palavras sobre o referido tema. Sem qualquer intenção de extenuar o assunto ou o leitor, até porque - à parte o fato desse espaço ser restrito e essa não ser a proposta do trabalho - a extensão do tema e a limitação deste que vos escreve tornam tal tarefa impossível de ser realizada, deixemos, portanto apenas algumas impressões amparadas nas contribuições de alguns autores da sociologia sobre o assunto.

A Contemporaneidade e seus Violinistas no Telhado

Tradition! - entoa Reb Tevey, carismático protagonista do musical *Fidler on the roof* (Violinista no telhado^{3*} - 1971) durante a canção que abre a trama passada numa vila no interior da Rússia no início do século XX. Seus versos cantados são uma verdadeira ode a força da tradição e a segurança que ela provê às vidas dos membros da pequena comunidade judaica local. Tudo o que lhes diz respeito é e está exatamente como deveria ser segundo uma ordem superior e o poder contido na tradição. *Because of our traditions Every one of us know who he is, and what God expects him to do!* A tradição norteia e dá balizas, sem as quais suas vidas seriam incertas e instáveis *como um violinista no telhado*. Tamanho grau de segurança e estabilidade provido pelas sociedades tradicionais, é claro, não é garantido de graça aos seus membros. Zygmunt Bauman (1997, p.7), assim como Freud (1930/2014, p.32), nos bem informa quanto ao binômio segurança/liberdade, ambos os atributos igualmente desejáveis aos sujeitos, mas impossíveis de serem obtidos em um mesmo nível. Para alcançar mais de um é preciso ceder do outro. As sociedades tradicionais teocêntricas, sem dúvida alguma, asseguravam enormemente seus integrantes, ao ponto de muitos estudiosos defenderem a tese de que a humanidade desconhecia o sentimento de angústia até a modernidade^{4*}. A dor sentida era simbolizada, significada e balizada pela experiência religiosa. A cartografia do mundo e da existência para os sujeitos era assim amplamente delineada por uma Lei superior, amparando-os da ausência de sentido e do disruptivo traumático. Porém, o preço disso era pago às custas da liberdade individual. Em ordem de desfrutar da proteção da comunidade, cabe aos sujeitos integrantes do grupo comungar fielmente com seus valores e cumprir todos os seus mandamentos. Seguir conforme a tradição, sob o risco de ser execrado e apartado, estigmatizado, visto como o mal estrangeiro e ser até mesmo aniquilado. É bem certo que podemos ver ainda nos dias de hoje, coisa muito semelhante acontecer, e mais certo ainda que Freud teria uma coisa ou duas

³ *Fidler on the roof*, filme de 1971, dirigido por Norman Jewison.

⁴ Em participação no programa Café Filosófico: Caos e Trauma no Mundo Contemporâneo do dia 9 de Agosto de 2013, o psicanalista Joel Birman assim afirmou: “Curiosamente, angústia é um sentimento eminentemente moderno. Isto é, ela não existia antes da modernidade”. (CAOS e trauma no mundo contemporâneo: joel birman. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MvES4LYTP-8&t=1185s>>. Acesso em: 23 maio 2018).

para nos dizer quanto a isso em seu artigo *A Psicologia das Massas e Análise do eu* (1921), mas fato é que a balança entre segurança e liberdade pendeu para o outro lado. Segundo Bauman (1997, p.10), o homem pós-moderno abriu mão de seu quinhão de segurança pelo quinhão de felicidade. Não se trata de romper com as raízes das tradições, pois não há mais raízes a serem rompidas. Parafraseando Marx, a solidez das coisas se liquidificou e nada mais é feito para durar muito tempo. Desse modo nos desatamos das amarras que nos imobilizavam, mas que também nos mantinham firmes sobre bases sólidas. Sob o vasto céu do consumismo e da individualidade, de sua imensidão que nos promete e seduz com o brilho das estrelas, tornamo-nos cada um de nós, tais quais violinistas no telhado, tocando vacilante e temerariamente uma balada frenética pretensamente feliz. Talvez, caiba dizer até, que do alto de nossos tetos estreitos, abrimos mão dos violinos e abraçamos o saxofone, instrumento típico do jazz, ritmo marcado pela incerteza de suas notas futuras e pelo frenesi da fruição das notas presentes que são tocadas de improviso. É assim que a banda parece tocar. Só resta saber a que custo e por quanto tempo é possível manter o fôlego necessário para produzir o sopro que embala um ritmo tão intenso. Grande drama dos que, sem uma instância superior que orienta – sem a figura de um “maestro regente” – se veem na posição de compositores de suas próprias partituras.

No entanto, é bem possível que a esta altura tenha me deixado levar por aspirações poéticas impróprias para o momento, fazendo perder de vista no texto parte da clareza e objetividade que devem ser sempre prioritárias. Cabe, portanto, retomar o terreno seguro das referências e bases teóricas. Alain Ehrenberg e Byung-Chul Han dão o valioso préstimo de suas perspectivas a respeito da depressão e seu enquadre dentro da contemporaneidade.

A Fadiga de si mesmo e a Sociedade do Cansaço

Para Alain Ehrenberg sociólogo francês, que articula o tema da epidemia diagnóstica de depressões na contemporaneidade em seu ensaio *La fatigue d'être soi: depression et société* (1998), essa seria concomitante senão tributária das profundas mudanças de paradigmas sociais ocorridas no ocidente pós-guerra, a partir da segunda metade do século XX. Tais mudanças dizem respeito à decadência dos dispositivos verticais de controle da ação, que dirigiam e orientavam a maneira que os sujeitos deveriam agir nas diversas situações até então. Os ideais de autonomia, iniciativa e independência teriam ascendido ante ao declínio do modelo disciplinar e da conformidade aos interditos sociais que haviam predominado no início do capitalismo até a década de 1950 – passagem da sociedade de produção para sociedade de consumo. A forma avançada do individualismo moderno teria assim produzido mudanças significativas na subjetividade. Tornar-se “idêntico a si mesmo”, segundo o autor, é elevado a condição de imperativo central na vida contemporânea. Efeito que produziria uma “crise de identidade” naqueles que se veem de alguma forma incapazes de corresponder a tais ideais. A depressão resultaria, portanto da derrota dessa empreitada. Sinal do cansaço extremo frente os compromissos de autenticidade, ousadia, originalidade e sucesso que sucederam, no estágio avançado das sociedades capitalistas, os imperativos da moral do trabalho, da renúncia e da adequação as normas, e que impelem o sujeito contemporâneo ao imperativo de performance.

Ainda, segundo ele, o “sucesso recente das depressões” enquanto diagnóstico estaria intimamente ligado ao declínio da noção de sujeito freudiano expresso em sua dimensão de conflito e centralidade da culpa. O Sujeito Freudiano, representante das subjetividades neuróticas dos séculos XIX e início XX tinha como centro de sua existência a noção de conflito frente à lei superior, conseqüentemente produtor de culpa. Atualmente, as noções de leis superior, conflito, culpa e adoecimento neurótico perdem o lugar de protagonismo no espetáculo de sons e fúria da vida contemporânea. Em vez de Lei superior e disciplina, entram a autonomia e responsabilidade. Em vez do conflito e da culpa;

insuficiência, déficit e vergonha. Em vez de neurose, a depressão. Enquanto que para Freud, a histeria é a enfermidade ícone da dimensão do conflito e divisão psíquica, para Ehrenberg a depressão serve de diapasão que ressoa na história o declínio do homem culpado e ascensão do homem insuficiente.

Ehrenberg articula a falta de referências da qual padecem os sujeitos na contemporaneidade ao aumento das depressões a partir da noção da depressão enquanto uma “doença identitária”, apontando para o eixo narcísico. Frente os novos imperativos de emancipação e liberdade, o indivíduo contemporâneo, suposto soberano de si, é levado a sentimentos de insuficiência. Uma verdadeira fadiga o acomete decorrente na árdua tarefa de ser a si mesmo exigida ao indivíduo. Existe aí uma prevalência da questão identitária e, portanto narcísica, na origem das depressões.

Se a neurose é uma doença da culpa, do conflito, a depressão seria então, como propõem os psiquiatras uma doença do déficit. A depressão é o fracasso da “estranha paixão de ser idêntico a si mesmo” (p.161). O anseio pelo diagnóstico “deprimido” ofertado pelos saberes da psiquiatria e neurociência, vem como meio de amenizar o fracasso frente a identidade perdida.

a depressão é assim a melancolia mais a igualdade, a doença por excelência do homem democrático. Ela é a contrapartida inexorável do homem que é o seu próprio soberano. Não aquele que agiu mal, mas aquele que não pôde agir. A depressão não pensa em termos de direito, mas nos da capacidade. O indivíduo não está mais nem no horizonte de uma natureza nem no de uma lei superior e impessoal. Ele está voltado para o futuro do qual deve encarar a prova, ele torna-se pesado por esta responsabilidade interior (EHRENBURG 1998, p.277)

Nesse sentido atesta-se para um aspecto paradigmático da contemporaneidade “cometer uma falta em relação à norma consiste agora menos em ser desobediente do que ser incapaz de agir” (EHRENBURG, 1998, p.180). Ou seja, se é atualmente menos culpado por algo que se faz, do que insuficiente por algo que deveria ou desejaria ter feito e não fez. Vide como o sujeito passa a ser responsabilizado por suas ações próprias independentemente do contexto, ou mesmo, se é exequível ou não efetuar ou sustentar certas performances.

Por sua vez, o sul coreano Byung-chul Han (2010), tido como uma das vozes filosóficas mais inovadoras da atualidade, parece fazer em seu ensaio *Sociedade do Cansaço*, observações que dialogam com as de Ehrenberg (1998). Com estilo admirável, ele escreve como quem faz anotações num diário de bordo do presente, escrevendo o relato daquilo que observa a respeito de nosso tempo. Se para ele o século passado foi marcado pelo caráter imunológico da negatividade, o atual é marcado pelo excesso de positividade. No lugar da proibição, mandamento e lei, entram projeto, motivação e iniciativa. O *poder tudo* é o verbo modal positivo dos sujeitos da assim chamada sociedade de desempenho que se desembaraçou das instâncias externas dominadoras que reprimiam a sociedade de disciplina descrita por Foucault. Assim, os diagnósticos de depressão, TDAH, síndrome de *Burnout* que se proliferam cada vez mais em nossa era não seriam um espectro da ordem da negatividade, mas antes, a reação adoecida de uma sociedade que padece de excesso de positividade. O "nada é possível", lamento ícone do deprimido, só pode ser inscrito, nos dirá Chul-Han, numa sociedade que crê que tudo é possível. O sujeito do desempenho, esse que parte do predicado de que é possível fazer o tudo, esforça-se na tentativa vã de atingir esse ideal, levando-o a exaustão física e psicológica. Ele é como o hamster que corre em sua esteira sem, contudo, chegar a lugar algum. Sem sensação de gratificação até o seu esgotamento. *Sem pódio de chegada ou beijo de namorada*. A meta, radical grego que significa *Além*, é aquilo que por excelência não pode ser alcançado jamais. A sensação de fracasso pessoal e impotência são verbalizadas no lamento de que 'nada é possível', produto final de uma lógica binária que só concebe extremos pelo seu excesso de positividade. A depressão irrompe quando o sujeito não-pode-mais-poder, o que o leva a autoacusação destrutiva e a autoagressão. Nas palavras de Byung-Chul Han, "O sujeito do desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo e o depressivo é o invalido dessa guerra internalizada". (2010, p.29)

Na parte final deste trabalho, busco fazer um esboço sobre que tipo de implicações tais constatações trazem à nossa clínica e quais seriam possíveis formas de se lidar com isso. No momento, identificamos através do olhar dos referidos autores como certos aspectos da dinâmica contemporânea se associam a

produção de estados depressivos. O que possibilita dar um passo a diante naquilo que me propus e inclinar-me sobre uma questão que pouco toquei até então.

Depressão, sintoma social?

O leitor atento que, com boa vontade me acompanhou até este ponto, me ouviu falar em depressão enquanto “sintoma social paradigmático da atualidade”. Não seria de se estranhar que esse mesmo leitor tão generoso que me fiou seu tempo e atenção, agora se visse já tomado por uma crescente inquietação, a meu ver, bastante legítima, decorrente de uma pergunta que paira no ar ainda em aberto. Não tê-la respondido até o dado momento me coloca diante dele numa posição constrangedora, tal qual um inadimplente frente ao seu credor. Destarte, ei de reconhecer que não há qualquer possibilidade de dar continuidade a essa discussão, com o rigor e seriedade que este trabalho pretende, sem que tão logo seja dada resposta contundente à seguinte pergunta: A que, afinal, me refiro quando falo em sintoma social? É sabido que Freud (1921) em seu artigo *Psicologia das massas e análise do eu*, faz borrar qualquer tipo de divisa entre uma psicologia “social” e outra “individual”. Mesmo quando tratado individualmente, a rigor, o sujeito está sempre referido a um outro e a um meio social no qual ele se inscreve e nele se constitui através de suas relações. O que nos leva a reconhecer que toda psicologia individual é uma psicologia social, e, por extensão, autoriza-nos a dizer que, de certo modo, todo sintoma individual é também um sintoma social. Por si só, tais constatações rebaixariam a sentença “a depressão é um sintoma social contemporâneo” à dignidade de uma platitude. Por isso mesmo, é mais que necessário definir o que se pretende com tal afirmação. Seguramente, não está se defendendo aqui a ideia absurda de que as depressões sejam um produto original da contemporaneidade. Que ela não estivera presente outrora. Muito menos que todo sujeito contemporâneo seja um deprimido. Tampouco, quer-se dizer com isso, pura e simplesmente, que a depressão seja algo que afeta muitas pessoas nos dias de hoje, ainda que os dados assim indiquem. Não, tão somente isso seria insuficiente para justificar tal proposição. Muito pouco para se ocupar esse status. Mas então o quê? Khel (2014, p.23) escolhe o termo “sintoma social” para designar o sintoma ou estrutura clínica que, estando em tal desacordo com a normatividade social, acaba por denunciar as contradições do discurso hegemônico. A hipótese da autora é que as depressões ocupam na contemporaneidade, esse lugar de sintoma social sinalizador do mal estar na civilização. “Depressão é o nome contemporâneo para os sofrimentos

decorrentes da perda do lugar dos sujeitos junto à versão imaginária do Outro” (KHEL, 2014, p.49), o que desde a Idade Média até o início da modernidade era designado pelo significante melancolia. Pretendo expor tão logo que possível algumas dessas expressões da melancolia ao longo da história abordadas pela autora (que não é a mesma melancolia no sentido atribuído por Freud), mas antes, cabe fazer uma pequena digressão para falar do conceito de grande Outro. Com tal conceito, Lacan visou abarcar em um único movimento teórico as variadas formas através das quais a palavra nos constitui: da cultura (que é essencialmente feita de linguagem) ao discurso familiar. Do ponto de vista lacaniano, não seríamos nada mais e nada menos do que a incidência da linguagem sobre os nossos corpos. Dada a amplitude e complexidade do conceito, destaco aqui, em linha geral, tão somente a noção de que o Grande Outro da linguagem é o que norteia e dá os significantes que atribuem o ideal do eu, aquele ao qual o eu deve se dirigir para ser amado pelo Outro. A perda de tal lugar junto à versão imaginária do Outro, implica num sofrimento de ordem narcísica, atingindo todas as certezas imaginárias que sustentam o sentimento de *ser*.

A palavra “melancolia” por sua vez é bastante familiar a psicanalistas, compondo o título de famoso artigo de 1915 escrito pelo pai da psicanálise, “Luto e Melancolia”. Freud utilizou-se do termo de uso corrente na língua alemã, para diferenciar-se da psiquiatria de sua época, trazendo para o terreno psicanalítico as então chamadas psicoses maníaco-depressivas. E por isso, é necessário, segundo a autora, fazer um trabalho de desambiguação do verbete “melancolia”, uma vez que Freud, ao descrever um fenômeno clínico específico e nomeá-lo por melancolia, acabou por “privatizar” o termo que outrora servia para nomear na cultura o que hoje é classificado como depressão (2014, p.49).

Khel nos oferece representações da melancolia medieval e de sua versão renascentista. A primeira remete a “acedia”, ou “demônio-do-meio-dia”, abatimento profundo da vontade que acometia monges e eremitas que buscavam por meio de sua fé suportar severos períodos de privações da carne, a fim se aproximar dos desígnios e graça do Outro, representado na figura de Deus. O insucesso de suas empreitadas os conduzia ao estado de melancolia. Já a

melancolia renascentista, a qual a autora se refere “como o protótipo de uma subjetividade que prenuncia o surgimento do sujeito moderno”, era produto de um mundo que começava a, em termos weberianos, se desencantar. O melancólico do renascimento não perde seu lugar junto ao Outro, por algo que ele tenha feito ou deixado de fazer, mas por que os desígnios simbólicos desse Outro passam a ser indecifráveis na medida em que é perdida a unidade desse discurso que por tanto tempo se mantivera coesa sob a égide do discurso religioso. A reforma protestante, a revolução copérnica, a invenção da imprensa e o alargamento das fronteiras do mundo conhecido por efeito das grandes navegações e comércio, seriam os principais responsáveis por tal abalo no campo do Outro.

Contudo, Khel afirma que, se nesses idos tempos os melancólicos detinham socialmente junto a seu sofrimento certo verniz de brilho, uma aura nobre e romântica, por assim dizer, o depressivo de hoje, “melancólico” da nossa sociedade de consumo contemporânea não goza de qualquer prestígio em seu sofrimento, justamente por estar em total desacordo com os imperativos estéticos de consumo e hedonismo (2014, pg.87). A patologização e medicalização de sofrimentos comuns viriam a reafirmar isso. A tristeza comum tratada como defeito moral e embaraçosa, ou chaga a ser corrigida, produz, paradoxalmente, diagnósticos de depressão. Analisar esse aumento significativo das depressões como sintoma do mal-estar social da atualidade significa dizer que o sofrimento dos depressivos funciona como sinal de alarme contra aquilo que faz água na grande nau da sociedade maníaca em que vivemos, que aposta na euforia como valor agregado dos bens de consumo ofertados pelo mercado. O silêncio e recolhimento dos deprimidos, sua posição indisponível para o consumo e produção, faz com que se tornem um grupo tão ruidoso e incomodo na atualidade quanto as histéricas nos idos tempos de Freud. A depressão é assim expressão de mal estar que “desafina o coro dos contentes”, dos bem adaptados ao século da velocidade, da euforia *prêt-à-porter*, do exibicionismo e do consumo generalizado. As depressões são, segundo a psicanalista, sintoma social contemporâneo porque desfazem paulatina e silenciosamente a teia dos sentidos e

crenças vigentes que sustentam e ordenam a vida social das primeiras décadas do século XXI (2014, p.23):

A sociedade contemporânea vem produzindo – e sofrendo com isso – uma invasão de formas imaginárias desse Outro apressado, que não admite nenhum tempo ocioso que não seja rapidamente preenchido por ações que visam satisfação imediata. Nisso consiste o lugar de sintoma social para a depressão, uma vez que seu recuo é uma tentativa (ainda que malograda) de fugir do excesso de oferta/demanda do Outro, fuga para as cobertas.”(KHEL, 2014 p.141)

Como o leitor deve se lembrar, optei por iniciar o presente artigo parafraseando a célebre frase com que Marx inaugura a introdução de seu Manifesto Comunista: “Um espectro assombra a Europa: o espectro do comunismo”. Essa opção não se deu de forma gratuita, ou por mera questão de estilo. Existe uma coerência interna, uma lógica por trás dessa escolha que de maneira nenhuma é vã. O argumento de Marx em seu manifesto coloca o “espectro do comunismo” como tributário das profundas transformações sociais e revoluções ocorridas à época. De forma análoga, ao evocar Marx, quis já deixar implícita a posição (que como busquei justificar nos argumentos apresentados, me parece razoável) de que o fenômeno da depressão - sua ascensão epidêmica e proporção assombrosa - no mundo contemporâneo, também pode ser pensada como uma produção que advém das mudanças que decorrem no mundo globalizado a partir de meados do século XX. Podendo sim, ser pensado enquanto um sintoma social, tal como o definimos, sob o préstimo da ótica de Maria Rita Khel sobre o referido tema. Desse modo, em ambos os casos, cada qual em seu referido contexto e respeitadas as diferenças óbvias, esses dois “espectros” possuem em comum essa dupla face: tanto fazem ruído a uma lógica vigente quanto são tributárias da mesma.

Na próxima e última parte desse trabalho procuro expor e ilustrar, quase que de forma lúdica, como a publicidade de um “certo” produto, altamente consumido nos dias de hoje, parece corroborar e condensar as ideias dos autores supracitados. Feita essa ilustração, tento então pensar como a psicanálise e o espaço analítico podem servir como contraponto, dentro do paradigma proposto, a pacientes que chegam a nós trazendo em sua fala, o diagnóstico de depressão. O

próximo capítulo tem, portanto, especial caráter de ensaio, no qual me concedi o indulto de ser um tanto mais autoral na exposição de ideias. Muito menos para ofertar respostas definitivas do que com o propósito de ampliar esse campo de discussão e suscitar o debate.

“Como fazer amigos e influenciar pessoas no mundo contemporâneo” ou “A psicanálise como contraponto”

Em 1936, o vendedor americano Dale Carnegie publicou o seu livro *Como fazer amigos e influenciar pessoas* (no original, *How to win friends and influence people*). Seu surpreendente e estrondoso sucesso de vendas à época, levou-o a ser publicado em diversos países a partir da década de 50. Esse foi o primeiro grande *Best-seller* do gênero literário conhecido pelo nome de Autoajuda. Na década seguinte, livros como os de Carnegie passaram a se multiplicar no mercado editorial e seus títulos passaram a figurar com frequência na lista dos mais vendidos na categoria não ficcional. Livros que se propunham a ensinar de maneira rápida e prática seus leitores a serem bem-sucedidos no campo social, afetivo, profissional e a realizarem seus desejos. A ascensão vertiginosa do gênero nos últimos trinta anos fez com que ganhasse cada vez mais em jornais e revistas um espaço exclusivo nas listas de mais vendidos, meritariamente destacando-se do gênero não ficcional. Tamanha popularidade ao redor do globo é também acompanhada no Brasil, país sabidamente de poucos leitores. De 2000 a 2004 por exemplo, o mercado americano desses livros cresceu 50%. No Brasil, a cifra é ainda mais impressionante. Enquanto o mercado editorial cresceu 35% entre 1995 e 2005, o filão de auto-ajuda acumulou impressionantes 700% de aumento. (AJUDE-SE. 2005. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/ajude-se/>>. Acesso em: 23 jul. 2018.)

Qualquer busca rápida na internet mostra que “*Como fazer amigos e influenciar pessoas*” pode ser facilmente encontrado para comprar numa livraria bem pertinho de você, tendo sido vendidas desde o lançamento de sua primeira edição cerca de 15 milhões de exemplares em todo o mundo! Seu longo sucesso mostra que não é de hoje que um guia prático ensinando como empreender naquilo que talvez haja de mais espinhoso e incerto na vida, se relacionar com outras pessoas, é algo muito atrativo para o público em geral. Contudo, o que será que o retumbante fenômeno dos livros de autoajuda teria a nos dizer sobre nossos anseios e cultura contemporânea? E no que terá se tornado o “influenciar pessoas” e o “fazer amigos” em nossa era digital, em que um sem fim de pessoas acotovela-

se para aparecer nas redes sociais e tornarem-se “*digital influencers*” e acumular centenas de milhares “amigos” e seguidores?

À mente essas perguntas e um exercício de curiosidade me conduziram há, nos últimos meses, quando em uma livraria, me dirigir até a sessão dos livros de referido tema e observar o que diziam seus títulos. O que continham em suas capas e o que exatamente eles prometiam aos seus leitores. Essa pesquisa informal, sem maior pretensão de muito rigor - e por isso mesmo, facilmente reproduzível por qualquer um que quiser empreende-la - fez com que eu me deparasse com títulos especialmente notáveis a meu ver, dos quais pretendo listar alguns seguir: *EU MAIOR* de Fernando Schultz; *EU SOU O PODER* de Luana Anjos; *Negocie qualquer coisa com qualquer pessoa* de Eduardo Ferraz; *O poder do carisma: conquiste e influencie pessoas sendo você mesmo* por Eduardo Shinyashiki; *A Fórmula da Felicidade* (Mo Gawdat), *O Homem Ideal: Como se tornar o parceiro dos sonhos de qualquer mulher* de Tucker Marx e Geoffrey Miller; *O Guia do Sucesso e da Felicidade* por Joseph Murphy, Napoleon Hill, James Allen, William W. Atkinson; *A Lei do Triunfo* (Napoleon Hill), *O Mapa da felicidade* (Heloísa Capelas) *O Sucesso Absoluto* (diversos autores); *Você pode superar tudo* de Ben Aisbett; *Você pode conquistar tudo o que sempre quis* de Adrian Calabrese; e por fim, *SEJA FODA* de Caio Carneiro.

Note que dentre os títulos mencionados não consta algum que seja remotamente parecido com algo do tipo “*Uma singela proposta para melhoria de vida*”. Não, o que eles oferecem em termos publicitários é sempre algo muito grandioso, passível de ser obtido de forma fácil e barata. Mesmo outros títulos, com viés mais moderado, como *NÃO ME ILUDA! Até onde são reais as promessas da autoajuda e da vida perfeitamente idealizada?* de Gabriel Carneiro Costa e *A Coragem de Ser Imperfeito: Como aceitar a própria vulnerabilidade, vencer a vergonha e ousar ser quem você é* de Brené Brown parecem fazer alusão às promessas e imperativos quase (?) megalomaniacos que se tornaram característicos desse gênero tão popular. Afinal, não é algo sintomático por si só de nossa cultura que um livro precise tecer louros a uma suposta “grande coragem” que seria requerida simplesmente para *ser imperfeito* ou assumir sua própria imperfeição? Quem convive habitualmente com psicólogos clínicos em seu ciclo pessoal, por certo já se deparou com aqueles que ficam furibundos com

o quanto alguns desses autores enriquecem com suas publicações e palestras subsequentes. E, de fato, se é que existe realmente uma disputa de mercado entre psicólogos e livros de autoajuda, não é difícil concluir que os primeiros, ao menos no que se refere a marketing, sairiam sempre perdedores desse embate. Uma vez que aquilo que seus supostos concorrentes prometem entregar, de forma rápida, fácil (e barata, diga-se de passagem), é algo muito mais excepcional do que qualquer coisa que um psicólogo com um pingão de ética poderia oferecer com seus serviços.

Fazendo uma análise um pouco mais minuciosa sobre os títulos listados e as palavras que os compõem, é possível observar três aspectos recorrentes que se destacam no que tange a sua publicidade. São esses: Cartografia; Totalidade/generalidade; Potência/êxito. O primeiro aspecto refere-se à escolha de significantes e termos que indicam uma cartografia, tal como “guia”, “passos”, “mapa”, “fórmula” são termos que evocam a ideia de algo que orienta e norteia de forma simples e pragmática. A Generalidade/totalidade refere-se a termos como “tudo”, “todos”, “absoluto”, “qualquer”, que sugerem uma eficiência incondicional e plena, independente da situação, contexto ou variáveis e sem nenhuma falta. Por último, o aspecto da potência, termos como “poder” “triunfo” “sucesso” “conquista” “felicidade” que evocam a ideia de ação e desempenho exitoso. Brinque de fazer arranjos alternando as palavras e sequência das três categorias e o que teremos é uma fábrica de títulos genéricos: “O Guia para qualquer triunfo”, “O mapa da felicidade absoluta”, “A fórmula do poder total” e por aí vai... A combinação desses três tópicos se resume então na promessa de uma cartilha pragmática que garanta ao sujeito o acesso à potência e êxito incondicional, garantido a ele um “*know how*” para aquisição e manutenção de um estado pleno de satisfação. Ora, não seria esse um produto altamente desejável, icônico e em absoluta conformidade com os modelos de sociedade contemporânea segundo as proposições de Ehrenberg (1998) e Byung Chul-Han (2010)? Também não nos passa despercebido o quão ajustados no tempo estão o *boom* do filão da autoajuda e as transformações sociais descritas pelo sociólogo francês. Poderíamos supor que o público alvo que consome essa literatura seja justamente aqueles sujeitos que não se sentem cumprindo os ideais de competência e performance em suas vidas, os desajustados e malogrados na tarefa de tornarem-

se a si mesmos como propõe Ehrenberg que oscilam e fraquejam sem conseguirem se tornar seu “eu maior”. O que é vendido no mercado junto desses produtos é a assertiva publicitária de que o sucesso e felicidade absolutos são coisas extremamente viáveis, TUDO É POSSÍVEL. Porém, na medida em que há o declínio da ideia de impossível, parece que o que se acompanha a isso é a ascensão do sentimento de impotência. “O homem contemporâneo se sente insuficiente diante das pressões da competitividade econômica e das exigências de gozo que permeiam as relações afetivas.” (SAROLDI, 2008, p.14)

Talvez, seja relevante ressaltar, que o que é dito aqui não é no intuito de fazer uma crítica ao referido gênero literário. Não, antes disso, este quem vos escreve afirmaria acreditar, tal como David Copperfield, personagem do romance de Charles Dickens (1849), que utiliza-se de seu conhecimento de literatura clássica para superar percalços, que toda literatura é um tipo de autoajuda. O que se pretende denunciar é que a promessa publicitária da felicidade *pret-a-portè* - que já vêm embalada numa loja pertinho de você - não simplesmente possível, mas extremamente acessível, deixa os sujeitos numa saia justa: se o sucesso depende única e exclusivamente do sujeito, é dele sua inteira responsabilidade, logo recai sobre ele todo ônus de não atingir seus ideais. O imperativo de centrar a vida na ideia de sucesso pode ser por si só fonte de adoecimento e sofrimento psíquico, ou, o “sucesso” enquanto obsessão de vida é por si só adoecedor. – sobretudo quando esse é entendido como a obtenção de excelência, destaque e reconhecimento em cada esfera da vida, adaptação imediata e exitosa a cada obstáculo que se apresenta pelo caminho, um sentimento de satisfação e prazer o tempo todo, sem frustração ou oscilações, em que mesmo a estabilidade prolongada pode ser mal vista uma vez que ela é passível de ser interpretada como “estagnação”. A demanda de “ser feliz e ter sucesso” é tão imperiosa, ocupando um ideal tão elevado que a realidade, com todas as suas idiossincrasias, errâncias e imperfeições torna-se irrevogavelmente frustrante e aquém do esperado. Nesse caso, vale acompanhar Freud (1908/2014, p.374) e dizer que estaríamos muito melhores se não tentássemos ser tão bons.

Psicanaliticamente poderíamos analisar que o excesso de positividade parece agravar nas subjetividades neuróticas esse estado de eterna insatisfação consigo mesmo diante de um ideal de eu hiperinflacionado e com os objetos

parciais que o mundo nos oferece. É dentro desse contexto que a depressão se apresenta como produto e representante de uma problemática inerente a essa nova normalidade – e por isso, passível de ser pensado enquanto sintoma social - , pois a “soberania individual”, a paixão por tornar-se a si mesmo não se configura puramente como um alívio do desembaraço das exigências externas, em fato, geram graves obrigações internas ao sujeito. “Uma impossibilidade que não se traduz em interdição deixa o sujeito a mercê do gozo do Outro, que traduz-se através do imperativo superegoico, muito mais inibidor que se supõe: se você pode, você deve.” (KHEL, 2009, p.295). Se você não cumpre, bem, “você é dejetivo” (o termo “dejetivo” aqui substitui outro adjetivo mais coloquial e chulo, frequentemente utilizado no exercício da autodepreciação comum nos deprimidos). Convenhamos que a cultura atual, hedonista e individualista, é precária em produzir aos sujeitos sentidos apaziguadores ante as oscilações e angústia inerentes ao viver. Pelo contrário, são os tempos da patologização da vida cotidiana, e qualquer sofrer é tornado patológico e portanto passível de ser aplacado com a intervenção de um fármaco. O sujeito em seu sofrimento se sente cada vez mais sozinho, bizarro e inadequado. Nesse sentido uma direção possível de um tratamento psicoterápico de base psicanalítica não seria fornecer espaço, tempo e recursos para uma maior compreensão do próprio desejo, dos aspectos macro e microculturais que o envolvem, assim como explicitar as impossibilidades e armadilhas dos imperativos do supereu?

Considerações finais

Na clínica psicanalítica da contemporaneidade frequentemente nos deparamos com pacientes que chegam a nós, trazendo em seu discurso o (às vezes, auto) diagnóstico “estou deprimido”. Qualquer analista não se satisfará com tal afirmação e indagará a seu paciente que quer dizer com isso, dando a ele tempo e espaço para um falar e pensar sobre si que as demandas incessantes por desempenho da vida contemporânea dificilmente lhe concedem. Considero que o tempo lento e escuta ativa que um sujeito encontra em sua análise configura-se hoje como um raro e precioso momento de quebra dessa celeridade do mundo atual onde podem emergir as questões referentes ao sujeito. Esse tempo lento e escuta sensível são nesse sentido seguramente mais ricos, daquilo que não se pode fixar valor, que a “fuga para as cobertas” ou “fuga para os fármacos”, comum dos deprimidos, que, se por um lado os protege do olhar do outro, por outro muitas vezes os reveste com a dor moral ou simplesmente com o embotamento e apatia (solução muito semelhante com o próprio mal que visa aplacar, diga-se de passagem). Khel (2009, p.13) diz que resgatar a clínica das depressões do campo exclusivo da psiquiatria é um desafio ao qual nenhum psicanalista pode recusar. Afirmação com a qual só posso concordar. No presente trabalho busquei colaborar com essa empreitada trazendo à baía, investigações de renomados autores das ciências humanas que associam aspectos da cultura contemporânea ao “espectro da depressão”. Leituras que por certo contribuem ao nosso fazer clínico.

No “ombro de gigantes” subi para tentar ampliar a visão sobre o referido assunto, muito ciente de que o tema avança por horizontes muito mais amplos do que seria possível abarcar num trabalho tão modesto. Fica aqui com entusiasmo, aberta a possibilidade para futuras pesquisas mais profundas sobre o tema da depressão. Por ora, é possível afirmar que pensar a depressão constituindo uma forma de sintoma social contemporâneo equivale a dizer que ela “representa neste início de século XXI uma expressão do mal-estar que ao se expandir contra a corrente das crenças, valores e práticas corriqueiras, interroga as condições atuais do laço social”. (KHEL, 2009, p.) Na contemporaneidade “a depressão ameaça o

indivíduo semelhante a si mesmo como o pecado atormentava a alma devotada a Deus ou a culpa atormentava o homem dilacerado pelo conflito” (EHRENBERG, 1998, p.290).

No que concerne a nossa prática clínica, tendo em vista a máxima de Freud (1923/2013, p.70): “onde esteve o Isso, o Eu deve advir”, podemos considerar que, diferentemente das promessas de viés marqueteiro dos bens de consumo, a experiência de análise não dará ao sujeito “tudo o que ele sempre quis”, mas talvez, ofertando-lhe tempo e espaço necessários, provenha a ele verdadeiramente algo mais viável e libertador: um melhor saber sobre o seu próprio querer. A Psicanálise nos ensina sobre o estado de inconsistência ontológica com o qual entramos no mundo, sobre nosso desamparo que permite a formação do aparelho psíquico e nossa dependência do outro, assim como também, nossa incompletude constitutiva. Das ding é o termo para o inominável objeto para sempre perdido. Aquele que instaura no sujeito a falta e que, na neurose, vai possibilitar que o sujeito se torne desejanter, tendo seu desejo sustentado pela fantasia. Quanto ao assunto de nosso desejo poderíamos falar, com o indulto de certa dose de licença poética, numa dupla ofensa que os nossos objetos de desejo imputam a nós. Eles nos ofendem duplamente e em dois tempos distintos. No primeiro, ao se revelarem, zombam de nós, apontando-nos como faltosos que somos. Sua mera presença desperta o desejo que nos põe face a face com a embaraçosa verdade da falta que em nós habita. E, depois, não contentes, quando finalmente os conquistamos, eles nos frustram, mostrando que o que tanto desejávamos conquistar não é aquilo que sanaria nossa condição de faltante. É constrangedora, mas vitalista essa nossa condição humana, pois é nossa falta inexorável, nossa contínua frustração com a satisfação parcial que os objetos da vida nos proporcionam, que nos mantêm vivendo, eternos desejanter seguindo em frente. E o quão mais trágico não seria encontrar enfim o objeto derradeiro? Aquele que calaria por completo a nossa falta, nos lançando ao silêncio mudo da ausência de desejo. Só a morte é assim tão plena, a vida deixa a desejar. Guiar o sujeito em sua experiência com a falta, da insuficiência de toda satisfação, da parcialidade dos objetos, é nisso em que consiste o lugar de contraponto da psicanálise nessa sociedade do desempenho.

1 Bibliografia

- BAUMAN, Z. (1997). *O Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- EDLER, S. (2008). *Luto e Melancolia - à sombra do espetáculo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- EHRENBERG, A. (1998). *La fatigue d'être soi. Dépression et société*. Paris: Odile Jacob.
- FREUD, S. (2010). (1930) *O mal-estar na civilização*. In *Obras completas vol.18*. São Paulo: Companhia das letras.
- FREUD, S. (2011). (1915) *Luto e Melancolia*. São Paulo: Cosac Naify.
- FREUD, S. (2011). (1921) *Psicologia das Massas e análise do eu*. In: *Obras completas vol.15*. São Paulo: Companhia das Letras.
- FREUD, S. (2011). (1923) *O eu e o Id*. In: *Obras Completas vol.16*. São Paulo: Companhia das letras.
- FREUD, S. (2015). (1908) *A moral sexual civilizada e a doença nervosa moderna*. In: *Obras completas vol.8*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HAN, B.-C. (2017). *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- KHEL, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.
- ROUDINESCO, E. (2000). *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.